

## MISTÉRIO E EXISTÊNCIA: A VIDA SEGUNDO SEVERIANO DE RESENDE

*José Maurício de Carvalho\**

**RESUMO:** José Severiano de Resende desenvolveu uma filosofia espiritualista de inspiração cristã. Seu pensamento parece influenciado pela metafísica de Leibniz e pela ética de Pascal. Diante das dificuldades em estabelecer um fundamento para a existência, passou a falar de mistério. Misterioso era o percurso que o levou a identificar a harmonia, no universo, no mundo da vida, na cultura e, finalmente, no interior do homem. Em cada etapa deste caminhar de elevação espiritual, ele revelou que o sentido da vida estava em contemplar a ordenada disposição de todas as partes do universo, que espelhava a unidade de Deus e fundamentava a existência.

**RÉSUMÉ:** José Severiano de Resende a développé une philosophie spiritualiste d'inspiration chrétienne. Leur pensé semble avoir été influencé par la métaphysique de Leibniz et par l'éthique de Pascal. Devant les difficultés à établir un fondement pour l'existence, il a commencé à parler de mystère. Mystérieux était le parcours qui l'a amené à identifier l'harmonie, dans l'univers, dans le monde de la vie, de la culture et, finalement, dans l'intérieur de l'homme. A chaque étape de cette marche d'élévation spirituelle, il a révélé que le sens de la vie était contempler la disposition ordonné de toutes les parties de l'univers qui réfléchissait l'unité de Dieux et fondait l'existence.

### Introdução

Não se pode desconhecer uma certa semelhança temática entre o espiritualismo desenvolvido em Minas Gerais e aquele elaborado em Portugal. Como exemplo desta proximidade destacaríamos a influência moral do cristianismo no aperfeiçoamento da civilização ocidental, tese de Luís Augusto Rebelo da Silva (1822-1871) nos *Fatos da Igreja*, proposição também enunciada e defendida por Alexandre Herculano (1810-1877), igualmente presente no *Arauto de Minas*, periódico editado por Severiano Cardoso Nunes de Resende, o mesmo

---

\* Prof. Titular do Departamento de Filosofia da FUNREI - Fundação de Ensino Superior de São João del - Rei.

problema caracteriza o pensamento de seu filho José Severiano de Resende (1871-1931)<sup>1</sup>; o embate entre o naturalismo e o espiritualismo criticado por José Maria Eça de Queirós (1845-1900), mas que fomentou um debate memorável entre o Dr. Tancredo Neves (1910-1985) e o Dr. Euclides Garcia de Lima (1905-1955) no periódico *O Correio*, ocasião na qual se reviveu os termos do embate efetivado pela geração de Antero Tarquínio de Quental (1842-1891), José Maria da Cunha Seixas (1836-1895), Joaquim Pedro de Oliveira Martins (1845-1894) e Sampaio Bruno (1857-1915); a idéia de uma relação entre o progresso material e a perfectibilidade moral que é a marca ideológica do governo frontista de 1852 em Portugal e a reativação do providencialismo metafísico de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) orientado para reformar o gênero humano através da educação da juventude, proposta na *Gazeta Mineira* (ano IV, n. 208, 11.10.1887, p. 2) e adotada como estratégia de aperfeiçoamento dos espíritos. A *Gazeta Mineira* propôs um programa civilizatório tendo como pano de fundo o aprimoramento moral. A inspiração leibniziana serviu para incluir os movimentos culturais numa ampla harmonia garantida por Deus. Leibniz foi o grande metafísico que buscou *conciliar a razão e a fé, a tradição e a modernidade, filosofia e teologia, num momento em que muitos espíritos queriam voltar as costas definitivamente à Idade Média* (Rodríguez, 1996. p. 44). Antes dele, Blaise Pascal (1623-1662) já se empenhara em *dar uma nova síntese de razão e tradição, de fé e ciência* (Sciacca, v. II, 1968. p. 85). Este projeto teórico, que teve em Pascal e Leibniz os principais representantes, teve forte impacto na cultura lusitana e foi o eixo básico dos periódicos publicados em São João del-Rey na segunda metade do século XIX.

<sup>1</sup> José Severiano de Resende nasceu em Mariana (MG), a 23 de janeiro de 1871, era filho de Severiano Cardoso Nunes de Resende, professor e escritor são-joanense, editor do *Arauto de Minas*, periódico oficial do Partido Conservador no Sexto Distrito Eleitoral de Minas, e de Custódia de Resende. Viveu sua infância e adolescência em São João del-Rei (MG). Saiu da casa paterna para cursar Direito em São Paulo no ano de 1889, abandonando o curso no segundo ano para se ingressar no Seminário de Mariana. Nesta ocasião teve um conflito público com o pai. Ordenado Padre trabalhou em Ouro Preto, Mariana, São João del-Rei e Rio de Janeiro. Abandonou o sacerdócio e foi viver em Paris como escritor, tradutor e colaborador no *Mercur de France*, mantendo a coluna *Lettres Brésiliennes*. Ao final da vida fazia retiros espirituais em Paray-le-Monial, conforme noticiou em carta a sua irmã D. Alice Sanzio. Morreu em 14 de novembro de 1931, sendo sepultado, por providência de sua companheira, no jazigo da família Gary, em Bram, no Departamento de Aude, ao sul da França. Suas obras principais são: *Cartas Paulistas*. Santos: Diário, 1890; *O meu Flos Sanctorum*. Porto: Lello e Irmão, 1908; *Eduardo Prado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1905 e *Mistérios*. Lisboa: Aillaud e Bertrand, 1920. Esta última obra foi reeditada pela UFMG em 1971 e *O meu Flos Sanctorum* foi reeditado pela Prefeitura Municipal de São João del-Rei em 1970, ambas as obras publicadas por ocasião das comemorações do centenário de nascimento do pensador. São destes dois últimos livros as referências utilizadas neste trabalho.

As referências gerais não bastam, contudo. É preciso aprofundar o conteúdo do espiritualismo mineiro para compreendê-lo em seus temas, suas linhas argumentativas, nos problemas que privilegia. Foi paulatinamente que ele atingiu um estágio de sistematização que lhe deu identidade. Neste espiritualismo, tudo no universo estava orientado para construir uma harmonia global sob o comando de Deus. No contexto da filosofia brasileira, este espiritualismo representa, em suas linhas gerais, uma das formas assumidas pela filosofia católica. Alguns espiritualistas mineiros se aproximaram do pensamento liberal e fizeram defesa apaixonada da liberdade, mas o principal de seus esforços parece estar dirigido para a superação do denominado empirismo mitigado,<sup>2</sup> que estimulava em Minas tentativas de utilização do espiritualismo de Storchenau (Paim, 1997. p. 472). Este trabalho pretende oferecer novos elementos para o estudo do espiritualismo mineiro, enfocando uma de suas figuras mais representativas: José Severiano de Resende.

### Existência é mistério

Severiano de Resende considerou a existência humana uma realidade envolta em mistérios. Não se ocuparia o homem de si mesmo, não estaria preocupado em desvendar através da razão os rumos de sua vida? Outra coisa ele não faz nos curtos dias em que se descobre vivente. Procurando desvendar as razões da existência, o pensador se deparou primeiro com os movimentos do universo e depois com os da própria vida. Nesses últimos tudo cresce ao mesmo comando, *“do éter sereno aos mares iracundos, porque toda a criação, do homem à estrela, aspira a viver. Em torno à mesma lei tudo evolui e gira para nascer e renascer e mesclam-se o passado, o presente e o porvir”* (Severiano, 1971. p. 193). Ao examinar esse movimento, ele verificou que as estações significavam a regeneração da vida *na verídica sensação de primavera* (idem. p. 192). Quando o homem se indagava sobre a razão destes movimentos, nenhuma resposta lhe surgia como evidente. Haveria um motivo oculto que não se revelava nos fatos e que não era captado pela razão? Por que motivo tudo estava mudando? Não existia para Severiano, como não havia para Pascal, um conhecimento humano de ordem perfeita: *a verdade revelada, objetiva e infinita, na sua*

<sup>2</sup> Empirismo mitigado foi o nome dado por Joaquim de Carvalho a um conjunto de teses veiculadas durante o período da modernização pombalina. Antônio Paim assim as resumiu: *I. a verdadeira filosofia reduz-se à ciência, sendo ilegítima a metafísica ensinada em Portugal até as reformas pombalinas, II. o conhecimento se origina nas sensações (...) III. em matéria de filosofia natural a verdade está com os modernos (...) IV. (...) no terreno moral cabe seguir a tradição* (Paim, 1997. p. 321).

*plenitude, ultrapassa as capacidades do pensamento humano* (Sciacca, v. II, 1968. p. 82). A impossibilidade de uma resposta imediata deixava o homem como que perplexo e envolto em mistério. Além do que o nada não é objeto do espírito, apenas o que existe pode ser representado. A ordem universal sugeria a existência de uma razão divina, mas isto não era facilmente desvendável.

Ao tentar esclarecer o mistério, o homem ocupava-se primeiro do conhecimento racional do mundo das coisas e nele igualmente observava o movimento, marcha rítmica que também estava presente no mundo da vida. As mudanças sempre instigaram o pensador, por isto ele procurou uma razão para elas. Os fenômenos da natureza possuíam uma causa exterior, explicada pela física, mas sugeriam um ordenamento que apenas se explicava metafisicamente, isto é, derivado de uma inteligência ordenadora. Ao longo de sua história, o homem encontrou explicações para a animação do mundo natural e para o mecanismo fisiológico da vida, mas aquela variação que existia em seu interior, essa era de muito difícil entendimento. O movimento no interior do homem tinha uma outra dinâmica irreduzível à fisiologia e à psicologia, envolvia uma dimensão que, na falta de melhor nome, poderíamos denominar de metafísica. Diríamos, tentando explicar Severiano, que a procura de um fundamento para a dinâmica interior do homem transitava por um compromisso moral, exprimia uma ordem ideal. Até por isto, o mistério se aprofundava, na ânsia que revelou *pela antiga e imortal justiça, prenhe de anseio pelo amor e pelo bem, ânsia que eu nunca pude achar ...sonho também, que fiel me acompanhou na tormentosa juventude, dealbando ao longe auroralmente os longos pesadelos, sonho de áureo porvir, de íntegra e intrépida virtude* (idem. p. 209).

Existindo, portanto, uma lógica ideal no mundo humano, cujo movimento vital portava uma intenção ética, podia-se presumir uma certa ordem universal, um certo processo ascendente e contínuo no universo da vida? As coisas não eram assim tão simples. O movimento encontrado no mundo humano não possuía apenas um sentido ideal, pior, ele, no mais das vezes, revelava por trás da exuberância da vida, as dores, as angústias, o prazer, o pavor, a saudade, o desejo. Por debaixo do movimento cultural o que encontramos é uma fera. Tal descoberta não era fruto do sonho ou do sonambulismo, a brutalidade humana era real e estava à espera de uma explicação. Ele afirmou: *Não penses que ele é o lobisomem noctabulando nos teus pensamentos, essa abantesma é simplesmente um homem, e seus mistérios quem há de entendê-los?* (idem. p. 116). Havia, portanto, misturado à descoberta das dúvidas, um mistério que se adensava ante forças brutais que comprometiam o destino humano desde toda a eternidade. Quem era este desconhecido? *De onde vens, pergunta, ...Em que espessa floresta, em que ilha esconsa, em que promontório, em que ermo remoto. Escutas o sinal da tua irresistível hora... vens de longe, mas quem no denso*

*caos saberá de onde vens? Em que ténebra o teu sigilo se esconde?* (idem, p. 210). As preocupações mais elevadas não se revelavam no dia-a-dia quando *as almas juvenis clausura, numa férrida alcova peregrina, onde uma ardente carne rressupina e outra carne frenética procura* (idem, p. 55). A presença deste impulso, diríamos instintivo, apavorava Severiano que o confessa: *Esta força é a que minhas noites apavora... lentamente as veias me devora* (idem, p. 55). Compreender esta força, identificar os seus elementos, descobrir algo que lhe servisse de fundamento, fazia parte da jornada misteriosa, pensava Severiano.

### **A força da vida acirra o mistério**

Severiano encontrou-se conturbado com aquilo que de certa forma dirige o movimento da vida humana e lhe dá suporte, a ordem que parecia existir subjacente ao movimento dos corpos no grande balé universal dos astros não estava tão explícita. Era verdade que, olhando o processo geral da vida, parecia existir uma harmonia ou amplo equilíbrio, que presidia mesmo aquelas disputas particulares. Esta harmonia está presente *nas siderais colmeias, vasto e triunfal fremir de flâmulas e palmas, os ervoés, as aleluias, as hosanas e hurras... Todos os madrigais, todos os hinos, címbalos e campanas... em que parte da terra o apelo das cigarras* (idem, p. 189). Ela confere um certo conteúdo sagrado, um substrato ao movimento: *Tudo o que tem voz e canta, tudo o que tem asas e sobe, toda a fremente fúria sacrossanta, que as nossas febres de infinito exprima e englobe* (idem, p. 191). Deste movimento harmonioso o homem parece participar *porque é a vida que estala e que borbulha e é a minha alma que de viver se orgulha* (idem, p. 190).

O fundamento ou harmonia descoberta no jogo das relações vitais não parecia, contudo, simétrico ou compatível com a brutalidade observada no homem. O que num olhar de larga perspectiva parecia ser uma seqüência harmoniosa, de perto não se revelava como tal. *É que mergulhas no oceano das sensações, mar infindo e pelo sofrer humano passas formosa, sorrindo* (idem, p. 57). Pior, a harmonia parecia desaparecer quando se observava o homem dirigido pelo instinto, dos quais o mais contundente era o sexual. Neste sentido, a visão negativa da natureza humana era mais pessimista com a mulher, fonte do prazer e do mal. Quando o homem se entregava ao prazer, como o fazia a mulher, perdia a razão de tudo e caía perdido na existência. A mulher era fonte de confusão, portanto. *A mulher é aquela que por onde passa deixa os corações em pedaços, e se é peçonha o teu beijo, são serpentes os teus braços* (idem, p. 58). Quem se deixava seduzir pela paixão e pensava com ela encontrar algo de sólido, somente alcançava decepção, pois o prazer que ela *proporciona*

*abandona o homem ao raiar da aurora (e o deixa) pálido, exausto, trêmulo, ofegante* (idem. p. 55). O prazer era pois, algo efêmero, sem permanência, sem condição de lhe servir de razão para a existência. A mulher parecia, aos olhos do pensador, se satisfazer em ser serva do raivoso instinto, porque *nela resfolega um bestião do hipódromo, a cavalgada rábida do instinto* (idem, p. 104). O seu desejo de amar e ser amada ofuscava-lhe outras preocupações e ela, mais que o homem, perdia a dimensão do fundamento e a preocupação com questões transcendentais. O que verdadeiramente a mantinha na existência se ocultava na força do instinto, traduzido pelo pensador como *o demônio da carne que abre e esgazeia os olhos* (idem. p. 96). Severiano encontrou em si mesmo o poder destruidor deste movimento que dirige homens e animais, aptidão inata presente na humanidade desde sua origem e traduziu isto reorientando o problema para a natureza humana. *Não temesse que do meu cérebro arguto e profundo me saísse em resposta esta outra pergunta: quem eras? Ou: quem foste? Porque, sem erro algum, eu bem conheço de onde este fantasma vem* (idem. p. 114).

Severiano iria traçar um programa ético para não se perder nas tendências naturais e explicar, numa ótica metafísica, o processo vital. Ele percebeu o que ocorreria com a humanidade se não houvesse uma relativa contenção das paixões. No entanto, antes de estabelecer tal programa, ele observou perplexo que gostava do prazer e que custava muito evitá-lo. Severiano preocupou-se com as contradições presentes no homem. Esta criatura era ambivalente e contraditória, ao mesmo tempo que buscava razão e ordem, comportava-se irracionalmente. Revelou sua satisfação em compartilhar com a mulher a força do instinto e em dividir, com ela, o prazer sexual: *Adoro-te, ele afirma, há no teu seio um fluído estranho e tão forte. Adoro-te, repete, a alva, a eviterna Vênus, filha das espumas, não tinha a graça com que os meus dias perfuma* (idem. p. 59). Pouco adiante confessaria sem pudor: *beijo-te sôfrego as faces, mordo-te os lábios vermelhos* (idem. p. 59) e arrematou consciente que permanecer no gozo deste prazer era afastar-se do fundamento: *e bem sei que desde agora, teces a minha mortalha* (idem. p. 59). Porque há na vida uma paixão que obscurece a harmonia, observada no cosmo e mesmo nos processos vitais? Como entender essa harmonia, que sugere uma inteligência ordenadora do universo e uma presciência dos atos humanos, e a existência de paixões desordenadas a comandar tais atos? Como explicar a contradição entre uma ordem ideal aspirada, pressentida, desejada e as miseráveis paixões que atormentam diariamente o homem?

### **Entender a força da vida**

Severiano inseriu a morte na vida, falar da força da vida era experimentar

a morte. A morte era parte da vida, não importando quando ela se completava, se depois de alguns anos ou se próximo ao nascimento. Nos dois casos a morte era sempre um momento decisivo, embora não bastante claro para o homem, *diante dela nosso coração é espesso mato, que a menor sombra enturva e enebrece* (idem. p. 134). A morte da criança era ainda mais incompreensível, pois ela acolhia *na penumbra a bendita inocência. Nenhuma agrura a machucá-lo veio na sua tênue e límpida consciência* (idem. p. 134). Os rituais em torno às incertezas da morte representam um processo de elevação espiritual que o homem celebra nas diversas culturas que criou em todos os tempos. Ele assegurou que *é grande e humano o culto dos mortos. Ele existe e existiu sempre, aliás, em todos os ritos sob formas que aqui e ali mais ou menos grosseiras e bárbaras, tanto é certo que a humanidade sente ser necessária essa comemoração dos que foram para a ignota viagem cheia de incertezas e temores* (Severiano, 1970. p. 208).

A presença da morte reavivava o entendimento de que a vida é um processo finito de calor e movimento, um processo que se vive em sociedade. Como entender a razão da existência? Seriam as forças vitais inimigas da harmonia universal e de uma inteligência suprema? Severiano percebeu que havia uma relação entre a criação da cultura e a disciplina das paixões. Na sociedade humana os indivíduos não podiam dar livre curso a seus instintos, embora não se tratasse de reprimi-los a qualquer preço. Era necessário estabelecer regras, criar uma ordem coletiva capaz de melhor satisfazer os desejos e paixões. As paixões perdiam assim o caráter absurdo, nem eram promotoras de desordem, nem contrárias à harmonia universal. Ao contrário do que inicialmente lhe parecia, as paixões estavam na origem da ordem social, evidentemente as paixões dirigidas e controladas. O pensador se referiu à cultura de um modo extremamente otimista. As paixões eram um mal apenas se promovessem um comportamento fora das normas morais. Na cultura humana, explicou, *tudo é um tanger de sinos desde então dentro da aurora. Tudo é música e som e cor e luz por onde ando. Tudo é calor e movimento pelos mundos* (Severiano, 1971. p. 193). A presença dos outros homens promovia a criação da cultura e nela era possível envelhecer com alegria e sem amargura. Todo o pesar e amargura que a vida porventura traga pode ser diluída na harmonia suscitada pela cultura. Severiano explicou que sentia cada vez *vitalizar-se a vida na sua imaterial parábola insofrida e como já vivi hoje e outrora, também hei de viver nos séculos dos séculos* (idem. p. 194).

A pergunta pela razão da vida não aceitava, contudo, esta resposta. Ela acendia, no homem, a preocupação com a eternidade. A idéia de harmonia sugeria a de permanência. Assim, se na cultura ficava resolvida a questão da continuidade da experiência humana, o problema da sobrevivência individual,

pelas evidências colhidas, permanecia envolta em mistério. A cultura significava apenas uma etapa no processo de organização harmoniosa do espírito, mas por suas próprias características, insuficientes para resolver o mistério da existência. Não pareceu ao pensador que a questão do fundamento pudesse ser definitivamente resolvida sem que se respondesse a esperança de eternidade, de permanência, de renovação da vida que assombra cada indivíduo humano. Severiano não viu nesta etapa qualquer contradição, o que se explica, a nosso juízo, pela distinção entre Civitas Dei e a cidade terrena que tomou do agostinianismo. Este pano de fundo lhe propiciou dar uma solução leibniziana para os dilemas existentes na filosofia de Pascal. Vejamos como procedeu. A etapa de ordenamento espiritual alcançada na cultura era insuficiente, nada que o homem criou podia lhe servir de sustentação adequada. Para avançar neste processo, somente se valendo da fé, pois o inexorável destino dos indivíduos é o deixar de existir. No entanto, o fim da vida terrena não significava o fim da vida espiritual, pois esta encontrava-se, no mais íntimo de si, ligada a Deus, cuja vida estava fora do tempo. Na eternidade as contradições seriam superadas, embora a descoberta do sentido de tudo continuasse uma jornada contínua e misteriosa. Este passo é reconhecidamente um salto no escuro, mas era a única forma de penetrar ainda mais no mistério que envolvia a existência. Penetrar, cada vez mais fundo, no fundamento da vida era uma jornada misteriosa. Mistério é o processo de descoberta do fundamento no silêncio, no recolhimento, na interiorização. O que tornava Deus uma realidade enigmática é que apesar de não podermos justificá-Lo racionalmente de modo irrefutável, Ele era necessário aos homens e continuava a exercer um enorme fascínio. De muitas formas os indivíduos manifestam sua crença em algo irredutível ao profano. No espiritualismo de Severiano esta crença alimentou uma cuidadosa investigação acerca da razão de tudo. Leibniz, na busca do fundamento originário, já apontara para a importância da relação de cada pessoa com Deus. No *Discurso de metafísica* asseverou que Deus, *que vê sempre a maior perfeição em geral, terá o maior cuidado dos espíritos e lhes dará, não só em geral, mas também a cada um em particular, a maior perfeição permitida pela harmonia universal* (Cf. Ovejero y Maury, 1980. p. 25-6). Severiano valeu-se desta compreensão leibniziana, que vinculou a vida de cada um ao processo de continuado aperfeiçoamento. Diante do homem está a eternidade, explicou, *porém a alma não conhece seu terreal arcabouço sem se alar além num transcendente pulo no afã de reassumir a prima integridade* (Severiano, op. cit. p. 192). Impregnado pela fé, a existência singular ganhava perspectivas de continuação e de permanência, partilhava de uma superior harmonia espiritual que se mostrava além dos problemas diários, mas que exigia um esforço de recolhimento. Severiano relatou que partiu de uma etapa menos elevada, onde sentia seus problemas tão intensamente que



chegavam a doer, antes de atingir a compreensão de que as dificuldades e paixões desordenadas perdiam força com a expansão interior e o fervor dos diários exercícios espirituais: *Ignorava, como os congêneres ignaros, que a vida mesmo transitória é a transparência rutila de glória. Os desesperos e os enganos... os tédios maus e as lânguidas acídias, diluem-se ao fervor das efusões merídias* (idem, p. 193). Do princípio ao fim da vida terrena permanece inalterável o desejo humano de permanência e de beleza: *sucessiva, sonora e farta juventude, onde vai e vem nos abismos universais da eterna pulcritude* (idem, p. 144).

A continuidade da vida, perspectiva nunca racionalmente assegurada de modo evidente, guardava um quê de mistério, mas encontrava alento na fé. O desejo da eterna continuidade da vida, permanência que se alimentava nas infinitas possibilidades advindas de Deus, nutria e renovava o espírito. A existência de Deus advém da impossibilidade dos entes serem a causa de si mesmos, a harmonia pedia Deus como inteligência suprema de todo o universo. O mistério não ficava resolvido com a descoberta de Deus, mas encontrava Nele uma via de paulatina revelação. Durante os séculos sem fim, Deus se manifestava num continuado processo, convidando a renovar na vida excelsa e eterna aquela trajetória de admiração principiada ainda na vida terrena: *Como erguer a alma triste à áurea ascensão superna, perpetuar-nos enfim na vida excelsa e eterna depois do largo e amargo exílio da existência* (idem, p. 125). A transformação da vida terrena no seu definitivo estágio de elevação corresponde, no pensamento de Severiano, ao avanço no mistério. A porta de entrada do mistério era o Verbo encarnado, um Deus humanizado, Jesus Cristo, caminho seguro, *em quem o enfermo passo pode avançar para o futuro descobrindo os encantos da vida na veraz radiação triádica da essência* (idem, p. 125). A sobrevida, portanto, significava uma opção fundamental no sentido de partilhar da comunidade de amor que chamamos Deus. Novamente surge a influência pascalina, agora no reconhecimento de que o homem era feito para o infinito e para gozar a eternidade.

### **A triádica essência restaura a harmonia**

Aquela força enorme que jogava o indivíduo no prazer e lhe retirava a preocupação com o fundamento ganhou com a cultura uma outra coloração. No entanto, a descoberta de Deus transformou definitivamente as relações pessoais, funcionando como o principal agente civilizador da humanidade. Ao mergulhar no mistério que envolvia a existência, o homem deparou-se com o Absoluto, semelhante descoberta promovia, no sentir do pensador, um processo de espontânea elevação espiritual. Que alterações isto representava na compreensão dos fatos corriqueiros da vida? Os acontecimentos ordinários encontravam a

sua solução na fé, crença que não prescindia da razão e dela se valia para redimensionar todas as circunstâncias. A mulher deixava de ser aquela fonte de prazer inconseqüente e enganoso para simbolizar a presença divina. A relação homem-mulher, inicialmente sem outro sentido além de apaziguar as paixões, emergia idealizada como princípio simbólico do convívio com a triádica essência, que haveria de se prolongar eternidade afora. Assim como Deus era uma comunidade de pessoas, mas na sua essência permanecia uno, os amantes representavam a unidade perfeita presente no seio de Deus. A mulher se tornou o sinal daquele amor que a eternidade permitiria explorar. A descoberta de Deus sugeriu a Severiano que todos os movimentos do universo traziam uma significação interior. Para continuar avançando na compreensão do mistério ainda nesta vida não bastava utilizar a razão pura, era preciso fazer a experiência do amor. Através deste processo o pensador passou a utilizar os princípios metafísicos apresentados como fundamento das coisas para igualmente justificar o homem. Explicou Severiano: *Invoco a musa, a minha irrial esposa. Rompe a aurora. Hoje vou realizar a obra-prima... Penso nela. A imagem dela pousa junto a mim e o meu verso o nosso amor sublima* (idem. p. 163).

Essa relação de amor, vivida de modo ideal, tanto no íntimo do espírito quanto na vida exterior, tornava-se a grande oração com a qual era possível saudar a Deus. Não havia melhor forma de fazê-lo. Para o pensador, a mulher idealizada no amor, tornava-se o próprio aceno de Deus ao existente, convidando-o a viver o mistério da vida. *Ó maravilha, exclamou, o céu de súbito se estrela. Último verso, tu, verídico e sonoro, dirá que a única, ela é que doidamente adoro* (idem. p. 63). Embora cada mulher fosse apenas uma das múltiplas riquezas de Deus, a paixão transformada em amor entendida como ante-sala do encontro com o fundamento de tudo, abria o caminho para uma realidade emocionante e bela, da qual temos, nesta vida, pálida amostra no amor humano.

A ante-visão do encontro com Deus instaurava no amor terreno a saudade. Trata-se de uma retomada da tese agostiniana de que saímos de Deus e a Ele retornaremos. A saudade era o símbolo, na relação com o fundamento, de sua ausência. Como cada existente aspirava por Ele, sua ausência era motivo de verdadeira dor, o resultado era o sofrimento. Dela o homem desejava se livrar a todo custo: *Ó garras da saudade, ímpias e cortadoras, piedade, é hora enfim de vos compadecerdes desta impossível dor, lenta e tentacular* (idem. p. 67). Os tentáculos foram utilizados para representar a força que prende e impede o existente de ser feliz longe da experiência do amor. Para quem ama, a ausência da amada é fruto de angústia a conturbar-lhe a existência, o amor a Deus alimentava a mesma dor. Esta experiência ele relatou como tendo-a vivida ele próprio, comparando-se a Caim: *Confuso como um réu, tremendo como um vime, fujo, novo Caim, sem luz, sem ar, sem norte. E ruge dentro em mim, ó vos que amais, ouvi-me, a saudade, açulando a sua negra corte* (idem. p. 65).

Do mesmo modo que o amor deixava marcas, a saudade as expunha, uma vida longe de Deus era uma realidade onde a penumbra avultava o mistério. Por que motivo? A inspiração de Severiano parece vir da idéia de saudade metafísica enunciada por Agostinho de Hipona: *Nos criastes para Vós e nosso coração vive inquieto enquanto não repousa em Vós* (Agostinho, 1980. p. 9). Severiano explicou que o amor perdido deixava marcas leves que se tornavam sombras, o infinito perdido transmutava-se numa ausência nunca preenchida, uma decepção pelo que não foi e a saudade era uma mostra do que poderia ter sido. Com que amargura se referiu ao amor perdido: *E tu meu doce desvario amado, sombra perpetuamente desumana, vens com o rosto de lágrimas nublado...loucas visões, brancas e belas, vindes buscar o que já existe, sombras errantes de apagadas telas* (Severiano, op. cit. p. 72). O amor perdido cobre o que sobrou do passado com lembranças, como um sono rude. Afastar-se do fundamento significava abandonar a trajetória de desvelamento do mistério, pois o problema da existência não seria solucionado perfeitamente nem nesta, nem na outra vida. A saudade ganhava densidade na morte, na penumbra, nas imagens que estes aspectos criavam no mais profundo do homem. Nestas ocasiões ele sentia falta de algo que lhe parece parte de si próprio. Severiano escreveu: *Quando à noite, tudo se recolhe e a natureza adormece (...) o crente, nessa hora de recolhimento e de saudade, dobra os joelhos para adorar o mistério da encarnação* (Severiano, 1970. p. 46). A questão da saudade povoa o universo de referência do espiritualismo luso e merece diversas formas de explicação.<sup>3</sup>

### **O amor instaura um compromisso moral**

O grande desafio de encontrar uma razão para a existência levou o autor a identificar uma ordem cósmica, um equilíbrio no mundo da vida e depois da descoberta do amor, a harmonia que nascia do interior do homem. Severiano acabou eliminando, conforme sugerira Leibniz, as divergências entre as leis do universo, da vida e do interior do homem. A tese da harmonia estava vinculada à questão do fundamento. O desafio de procurar o fundamento instaurava como resultado o estabelecimento de um ideal de vida. Não importavam as dificuldades, nada podia afastar o homem desta procura. É esta capacidade de admirar que o impelia em direção a Deus. O encontro com Ele exigia contudo, uma postura ativa, implicava em passar pela vida sem ceder aos caprichos da

---

<sup>3</sup> Para uma visão das diversas possibilidades que o tema da saudade suscita na filosofia lusitana leia as *Actas do I Colóquio Luso-Galaico sobre a saudade* publicado pelo Instituto de Filosofia luso-brasileira e pela Câmara Municipal de Viana do Castelo em 1996.

paixão, demandava a prática das virtudes como condição para o aprofundamento interior. De que virtudes poderia-se perguntar? O homem, comprometido com o fundamento maior de sua vida, comportar-se-á como o cedro que não se dobra diante da tempestade, nem se abate quando é atingido pelos raios. *O raio deferiu-lhe de alto a baixo o golpe rude e o cedro de alto a baixo não tremeu. Vi-o na luminosa manhã flexuoso e membrudo e disse: ó cedro, teu destino é o meu* (Severiano, 1971. p. 183). O cedro como o homem moral permaneceu firme na maior dificuldade. *Rachou-te a faísca, sutil... verteu-te no âmago e no cerne a chama que combure e tu, ó cedro, continuaste em pé* (idem. p. 183). Se o universo, apesar de belo e harmônico, era finito (continha uma imperfeição metafísica oriunda de sua gênese) e, como tal, pedia a existência de um supremo ordenador, o mal moral não podia ser atribuído ao Criador. Melhor dizendo, podia o homem evitá-lo não se curvando a esse mal. O processo de elevação espiritual dependia do homem, mas contou com o plano divino. *O fiat da criação não dependeu senão da vontade pantócrata do Criador, para resgatar, porém o mundo perdido, o Todo-Poderoso necessitou de Maria, e o fiat foi bastante para arrancar do nada a vida inexaurível das coisas* (Severiano, 1970. p. 46).

A fortaleza moral, o vigor para enfrentar as adversidades da vida, pareceram a Severiano a forma de penetrar no mistério que envolvia a existência. O conceito de essência como força, sugere a noção de conhecimento como aprofundamento interior, um mergulho na essência universal, que oferece a paulatina compreensão da totalidade. Vinha de Pascal esta compreensão de que o conhecimento não se reduzia à uma idéia clara e distinta, mas implicava uma exploração ampla, que instalava um misterioso enigma a ser desvendado paciente e progressivamente. Severiano reconheceu e explicou que este projeto estava já presente no ideal pascalino citado no hino que escreveu para o homem venturoso. O compromisso moral, que alimenta esta busca de conhecimento, estava a serviço do aperfeiçoamento interior. *É preciso colocar juntas a justiça e a força, para que quem é justo seja forte e quem é forte seja justo - Pensamentos* (Severiano, 1971. p. 207), afirmou o pensador citando Pascal. A menção à justiça explica-se, pois ela era considerada a senhora das virtudes desde Aristóteles, ela compreendia todas as virtudes. Justiça resumia a conformidade de um comportamento com as normas, o que significava que era possível valer-se dessa virtude não apenas para a própria ascensão espiritual, mas para guiar a relação com os outros. Exemplo de homem justo foi José. *O Evangelho chamava-lhe resumidamente de o justo, o que vale, nas letras sacras, por todo um panegírico, e nós pouco sabemos de sua vida, bloqueada de silêncio* (Severiano, 1971. p. 37). Severiano explicou que o avanço nas relações com Deus pedia do homem um empenho continuado na vivência das virtudes: *Um dia tive sede e fome de justiça, quis que a minha alma fosse um translúcido espelho e tendo artefato*

*uma cota inteiriça... fiz-me apóstolo, fiz-me herói, fiz-me argonauta, sondei naus, resolvi brenhas, galguei penedos* (Severiano, 1970. p. 177).

Não há como avançar no entendimento do mistério de qualquer forma, ele não se deixaria desvelar. Para avançar no mistério era preciso viver bem e fazê-lo significava colocar em ação a consciência moral. A consciência tanto quanto as próprias leis da vida mantinham o homem dentro de certos limites. O certo é que a consciência orientava e dirigia o homem direto para o centro do mistério. Ela animava e conduzia para a prática do bem e da justiça que eram a face ética da harmonia.

Hoje estamos acostumados a nos referir à vida sem inseri-la no mesmo tom religioso em que transitava o nosso pensador, mas isto não deve impedir de entendê-lo. Para ele, a harmonia, o fundamento da vida, somente podia ser apreciada numa relação moral frente a Deus. A existência do universo era, em última instância, uma necessidade moral porque mesmo harmonioso ele era logicamente contingente. Não podia ser diferente, caso fosse perfeito confundiria-se com a Inteligência Suprema.

Para Severiano, os santos foram aqueles que viveram a experiência ética a que ele se referia, sendo necessário traçar os marcos essenciais de uma vida moral. Para entender este projeto moral precisamos acompanhá-lo em outra de suas obras básicas. Vejamos o cerne do que enunciou em *O meu Flos Sanctorum*. Primeiro que o homem vive o conflito de fazer coisas que não gostaria, deixando de fazer o que deveria. O homem vive a necessidade moral de escolher o melhor, mas quase sempre não consegue fazê-lo. Assim, no dia a *dia vivemos entre o mal que bem queremos evitar e o bem que mal podemos querer praticar* (Severiano, 1970. p. 16). Reconheceu o pensador que os limites do homem o impedem de viver plenamente o projeto moral, compreendeu que não realiza tudo do modo como o deseja, que possui uma vontade circunstanciada. Depois avançou outra consideração: que o tipo de saber que orienta o homem no mundo e serve para garantir-lhe a sua sobrevivência e prosperidade, ordinariamente não transmite as experiências que vive e que deseja compartilhar. A sabedoria que mais importa *não é um catálogo de hipóteses e um repertório de monomanias, mas aquela que possuíam os magos do Evangelho, sábios que conheciam as leis do céu e os arcanos da terra* (idem. p. 19). No conhecimento puramente racional, ou no tipo de paradigma que estabeleceu para tratar a natureza, o homem não se achava pessoalmente comprometido, a objetividade alcançada nestes casos não comunicava aquilo que as pessoas são ou deveriam ser, muito menos o que vivem e o que verdadeiramente lhes toca. É neste nível que se edificava o que denominou de autêntica sabedoria, tida como a ciência que eleva o espírito e permite trazer para a experiência diária o reconhecimento da harmonia que a razão intuiu para além dos movimentos presentes no universo.

Ciência que reconheceu o inefável, que *longo tempo o pressentiste e simbolizaste, que farejaste o divino e perscrutaste o celeste, ciência do Egito e da Babilônia, ciência da Índia, (...) ciência antiga, ciência perdida, ciência morta, ciência única* (Severiano, 1970. p. 19).

Apresentados os pressupostos básicos, a partir dos quais quer considerar esta sabedoria que integra o conhecimento no universo íntimo, Severiano de Resende buscou na coragem dos santos os aspectos que indicavam os marcos da existência moral. São eles: *a simplicidade e inocência de Gonçalo D'Amarante* (idem. p. 20); *a coragem e lealdade de São Sebastião* (idem. p. 23); *a humildade, a virgindade em nome de uma causa* (p. 44), *a preocupação com os outros* (p. 29), *a fraternidade de Maria de Nazaré* (idem. p. 168); *a castidade, a dedicação ao trabalho e o amor à família do carpinteiro José* (idem. p. 38); a disciplina, os ensinamentos de *São Bento de quem a posteridade guarda o seu nome, os seus ensinamentos e as suas relíquias, porque ele foi um fator de progresso, um benfeitor da humanidade, um obreiro, mas verídico, da civilização* (idem. p. 42); as pregações de *Vicente Ferrer debaixo de neve e chuva capazes de mudar as pessoas* (idem. p. 92); a densidade interior de *Zita, que possuía a piedade dos santos, a qual não se contenta com as práticas exteriores, mas penetra as profundezas da alma, profundidade interior que assim se traduzia: não era dessas que são mais prontas a rezar do que a perdoar, a ir à Igreja do que a cumprir os deveres do seu estado, a dar uma esmola do que a reprimir a língua ou domar as paixões* (idem. p. 102); *o amor à justiça e o combate pelo direito* que tipificou a vida de trabalho de *Santo Ivo* (idem. p. 113); a força da oração de *S. Luiz Gonzaga, cujo êxtase empolgava-o, de contínuo para a altura* (idem. p. 123); *a sinceridade* de *Pedro* (idem. p. 129); a unidade de vida ativa, *o zelo, e contemplativa, o místico recolhimento* de *Marta e Maria* (idem. p. 142); o controle e a inteligência de *S. Jerônimo, cujos tratados sobre a vida espiritual são monumentos de psicologia* (idem. p. 171); a abnegação de *Margarida-Maria* traduzida na fórmula: *Tudo em Deus e nada em mim, tudo de Deus e nada de mim, tudo para Deus e nada para mim* (idem. p. 184); a perseverança e o trabalho honesto de *S. Crispim e Crispiano* que adotaram *o espírito do bom e barato* (idem. p. 195). Muitos outros santos foram mencionados por Severiano em nome de um programa moral que permitisse a experiência do amor capaz de ordenar as desordenadas paixões interiores, o que não era fácil. Severiano lembrava o testemunho de *São Jerônimo: O jejum empalidecia a minha face e o desejo incendiava a minha alma neste corpo gelado, nesta carne morta, o fogo das paixões ainda se acendia* (idem. p. 170).

## Conclusão

Mesmo para quem não tenha a mesma percepção do fundamento da existência, mesmo não se vinculando existência e transcendência, ou aspirando construir em outras bases o mundo humano, a filosofia de Severiano é muito interessante porque indica que a vida humana somente adquire sentido quando aspira inovar as situações ordinárias do dia a dia. Ele não quis outra coisa com sua atribulada procura, apaixonada reflexão e honesta defesa da especulação filosófica. Pagou com sofrimento a irrequieta procura do fundamento ontológico que sustenta a vida. A existência somente dignifica sua singularidade quando se deixa tocar pela admiração, é essa perplexidade que induz o pensamento a não se conformar com o modo como tudo aparentemente é, deixando atrás de si um rastro de distinção. Para Severiano este processo significava elevar-se até Deus.

Há, contudo, na filosofia de Severiano marcas profundas de humanismo, um desejo de compreender as razões que impulsionavam o homem a continuar a viver, apesar das dificuldades que cercavam sua vida cotidiana. Nota-se um esforço para explicar a misteriosa força que impulsiona o homem, integrando e dando unidade aos mais díspares sentimentos e paixões que o habitam. Ao prever uma trilha de aprofundamento espiritual, ele conseguiu, a seu modo, explicar a importância da vida terrena, preocupação do espiritualismo mineiro contra o que restara da pregação contra-reformista, sem abdicar de situar o homem em face do divino, que fazia do viver um oracular mistério.

A partir da unidade divina, Severiano elaborou uma metafísica da existência, que se deu como retomada do princípio da harmonia que ele trouxe da filosofia de Leibniz. Esse diálogo com o mestre alemão tinha como finalidade combater a tentativa romântica de atribuir ao instinto papel metafísico, mas cuidava também de não lançá-lo na lata de lixo da cultura, como pretendeu fazer o contra-reformismo. Sabemos que, sobretudo durante o momento que denominamos de *Segunda Geração*,<sup>4</sup> outro não fora o modo dos contra-

<sup>4</sup> Na obra *Caminhos da moral moderna; a experiência luso-brasileira* procuramos explicar que não parecia adequado desprezar as diferenças existentes entre os contra-reformistas. O primeiro grupo integrado por Frei Heitor Pinto (1528-1584), Frei Amador Arrais (1530-1600), Pe. Manoel de Góis (1542-1597), entre outros, vive o clima da filosofia tomista, mas o submetem ao humanismo renascentista. Isso contribuiu para abrandar o rigor das máximas medievais, pois filosofia passou a ser vista como um saber que ajudava a encontrar caminhos para o homem. No entanto, na medida em que o racionalismo construtivista sobrepôs-se ao jusnaturalismo escolástico, a discussão moral estreitou-se em torno a um programa bem definido destinado ao controle do efeito das paixões na conduta. O propósito moral perdeu em amplitude de horizontes. O Pe. Manoel Bernardes (1644-1710) é um exemplo desta geração que abandonou a discussão anterior para centrar seus esforços no combate às paixões,

reformistas encararem este assunto. *O Pe. Manoel Bernardes*, por exemplo, *aprofundou a associação entre o ideal ético e a conduta* (Carvalho, 1995. p. 82). *Ser bom equivalia a despreocupar-se das coisas terrenas* (idem. p. 82). A oposição entre as paixões, os sentimentos e os ideais éticos que levavam à felicidade suprema pareceu-lhe evidente. Coisa diversa iria concluir Severiano. Não era o instinto a última força que induzia a pensar e a viver, é verdade, mas ele estava presente como agente poderoso que não podia ser desconhecido ou repudiado. É o corpo ardente, movido pelas paixões, que produzia o movimento e o calor, é o movimento condição do processo de elevação espiritual. As paixões trabalhavam a favor da harmonia, da permanência e da unidade, desvendavam o sentido da existência e articulavam o mistério em torno dela. Observe-se que o reconhecimento das paixões como inerentes à natureza humana permitiu a Severiano superar as dificuldades deixadas pelos contra-reformistas no que tange ao sentido deste mundo. Entretanto, o entendimento de que a razão, segundo sugeriu Pascal, tem como limite o homem e que este navega em temas transcendentais, indica que Severiano é um crítico do cartesianismo, isto é, sua preocupação central era a elevação, para um patamar mais nobre, dos sentimentos de prazer, luxúria e do egoísmo ético. Ele começou a vislumbrar um sentido para estes impulsos, mas estava longe de René Descartes (1596-1650) e das sugestões de Bernard de Mandeville (1670-1733), para quem os vícios privados contribuíam para o desenvolvimento social e para a prosperidade coletiva. O que ele tinha em vista, então? Parece-nos que trazer para o debate moral os resultados

---

consideradas a raiz de todos os males, dentre os quais os piores eram a paixão pelas riquezas e pelos prazeres do sexo. A terceira geração, contemporânea do Marquês de Pombal, procurou restabelecer o espírito dos primeiros contra-reformistas. Ficou, contudo, a dificuldade de justificar a vida terrena, uma vez que os moralistas do período pombalino não conseguiram fazê-lo de modo definitivo, nem o próprio Marquês conseguiu realizar semelhante tarefa, apesar de sua explícita intenção. Centrando o melhor de seus esforços na introdução da ciência moderna e apostando numa espécie de moral científica, nascida da mistura do utilitarismo cognitivista e hábitos econômicos da moderna fidalguia, Pombal apenas conseguiu evitar o radicalismo da Segunda Geração. O problema de justificar a existência humana ficou a merecer melhor exame das gerações seguintes e se coloca no espiritualismo mineiro do século XIX como tema importante, contexto em que José Severiano de Resende desenvolve suas reflexões. Uma leitura do artigo *Meditação dos Caminhos da Moral na Gênese do Tradicionalismo lusobrasileiro* (*Cultura*, v. VIII, 2. Série, Lisboa: UNL, 1995. p. 75-90) ajudará a entender melhor as diferenças entre as diferentes gerações de contra-reformistas. No Brasil, durante a maior parte do século XIX predominou a Escola Eclética, que entendo tenha influenciado no modo como Severiano procurou resolver o problema de justificar a vida terrena deixado pelos contra-reformistas. Para entender os rumos da filosofia eclética no Brasil é imprescindível ler: PAIM, Antônio. *A escola eclética*. Londrina: Ed. da UEL/ CEFIL, 1996. De todo modo, não parece razoável considerar Severiano um eclético, seu espiritualismo constituiu uma das vertentes da filosofia católica.



da teoria da evolução e da seleção competitiva. Severiano atribuiu um sentido metafísico àquela ordem espontânea que os naturalistas vislumbraram no jogo da vida e que explicavam valendo-se de mecanismos naturais.

Severiano teve o mérito de indicar que uma filosofia voltada para o sentido do mundo e da existência não é contrária, mas tem de transpor o universo dos conceitos e das fórmulas científicas. No contexto de sua reflexão, isto significava que a filosofia se desenvolve na experiência íntima da afeição por alguém, retrato do amor divino. O espiritualismo de Severiano não conseguiu, contudo, superar os limites inerentes à filosofia leibniziana, uma vez que não estão claros, nem num nem outro, como se relacionavam os impulsos vitais, os atos psicológicos e sua determinação metafísica. Além disso, um projeto filosófico articulado na harmonia cósmica, na ordem cultural, na presença de Deus no interior do homem, e em cada parte do universo, não consegue escapar facilmente da acusação de misticismo, quiçá mesmo a de panteísta.

## Bibliografia

AGOSTINHO de Hipona. *Confissões*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

CARVALHO, José Mauricio de. *Caminhos da moral moderna; a experiência luso-brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

OVEJERO Y MAURY, Eduardo. Prólogo. In: LEIBNIZ, G. W. *Nuevo tratado sobre el entendimiento humano*. 3. ed., Buenos Aires: Aguillar. 1980.

PAIM, Antônio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. 5. ed., Londrina: Ed. da UEL, 1997.

RESENDE, José Severiano de. *O meu Flos Sanctorum*. São João del-Rei: Prefeitura Municipal, 1970.

\_\_\_\_\_. *Mistérios*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1971.

RODRIGUEZ, Ricardo Vélez. Leibniz, entre a tradição e a modernidade. In: *Carta Mensal*. Rio de Janeiro, 42 (501): 43-52, dezembro de 1996.

SCIACCA, Michelle Federico. *História da filosofia, do humanismo a Kant*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.